

SEMEANDO ENGAJAMENTOS, ENRAIZANDO APRENDIZADOS: relato de pesquisa em design com o MST em Belém-Pará

SEEDING ENGAGEMENTS, ENRAGING LEARNING: a report on design research with the MST in Belém-Pará

SILVA, Sâmia Batista e; Doutora em Design; ESDI/UERJ

samiabatista@ufpa.br

SERPA, Bibiana Oliveira; Doutora em Design; ESDI/UERJ

bibianaoserpa@gmail.com

COSTA, Livia Weyl; Doutoranda em design; PPGAV/UFBA

livia.weyl@gmail.com

SILVA, Brenda Letícia; Graduanda em Produção Multimídia; FAV/UFPA

brendasilva172@gmail.com

SANTOS, Carolina da Silva; Esp. em Geografia, Cidade e Arquitetura; Escola da Cidade/SP

arqeurb.santos@gmail.com

Resumo

O artigo descreve a pesquisa em design em parceria com o MST em Belém-Pará, buscando integrar a pedagogia dos movimentos sociais com as práticas educativas em design. O projeto envolveu alunos, professores e profissionais em atividades no assentamento Mártires de Abril, Mosqueiro. O objetivo foi explorar a integração das pedagogias do MST e do design, fortalecer alianças com movimentos sociais locais e inspirar diretrizes pedagógicas humanizadoras. Com revisão bibliográfica, intercâmbios, rodas de conversa e pesquisas de campo, o projeto buscou compreender as práticas de formação política dos assentados. Os resultados destacaram a criação de espaços de trocas, fortalecimento de alianças e interesse de discentes em pesquisas com grupos sociais, promovendo a missão pedagógica da UFPA. A pesquisa evidenciou a importância de integrar pedagogias sociais e educativas em design para projetos mais contextualizados e engajados.

Palavras Chave: design; movimentos sociais; pedagogias populares.

Abstract

The paper describes design research in partnership with the MST in Belém-Pará, seeking to integrate the pedagogy of the social movements with educational practices in design. The project engaged students, teachers and professionals in activities in the Mártires de Abril settlement in Mosqueiro. The aim was to explore the integration of MST and design pedagogies, strengthen alliances with local social movements and inspire humanizing pedagogical guidelines. Through a literature review, exchanges, conversation circles and field research, the project aimed to understand the political education practices of the settlers. The results highlighted the creation of

spaces for exchange, the strengthening of alliances and the interest of students in research with social groups, promoting UFPA's pedagogical mission. The research highlighted the importance of integrating social and educational pedagogies in design for more contextualized and engaged projects.

Keywords: *design; social movements; popular pedagogies.*

1 Introdução:

Neste artigo, dissertaremos sobre as experiências construídas em onze meses do projeto “Escola popular de design: confluências pedagógicas entre o design e os movimentos sociais”, coordenado por Sâmia Batista, professora da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará, em parceria com pesquisadores da Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ) e da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ). Com apoio institucional da UFPA, por meio do Programa de Apoio ao Doutor Pesquisador 2023 (PRODOUTOR 2023), a pesquisa vem sendo desenvolvida em Belém-PA desde agosto de 2023.

Ao longo do percurso, o projeto contou com a participação de alunos da graduação, da pós-graduação, professores e profissionais da área do design, artes visuais, comunicação social, produção multimídia e da educação. As atividades fundamentaram-se na revisão bibliográfica sobre a pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e pedagogias em design, buscando confluências possíveis entre os dois campos: a luta dos movimentos sociais e as práticas educativas de designers e atividades afins. Além da revisão bibliográfica, outras atividades deram corpo ao projeto de pesquisa, como os intercâmbios com outros projetos de pesquisa (Literatura em Mural e Padê), a exibição de filmes, a realização de rodas de conversa com lideranças do MST e visitas de campo ao assentamento Mártires de Abril, localizado na ilha de Mosqueiro, localidade integrada ao município de Belém.

Inicialmente, apresentaremos os preceitos teóricos que definem a proposta de uma escola popular de design, depois, discutiremos sobre as pedagogias dos movimentos sociais e possíveis confluências com as pedagogias do design, e posteriormente, apresentaremos o assentamento Mártires de Abril. No tópico seguinte, detalharemos as atividades realizadas e por fim, traremos as considerações finais sobre a vivência e os desejos para a continuidade do projeto de pesquisa.

2 Apresentando a pesquisa:

A pesquisa “Escola Popular de Design: confluências pedagógicas entre o design e os movimentos sociais” surgiu como reflexo das proposições de pesquisadoras em processo de doutoramento na ESDI/UERJ. A partir de uma série de experiências dentro e fora da universidade, a proposta emerge com o intuito de construir diálogos entre as práticas dos movimentos sociais e o design, incorporando valores, métodos e processos pedagógicos e políticos das lutas populares no fazer do designer (Silva e Serpa, 2023) e áreas de estudo e prática associadas, como as artes visuais, comunicação social e produção multimídia. Nesse contexto, as autoras citam a rede Design e Opressão (DO) como o local de encontro e reflexão para que a proposta de pesquisa pudesse surgir posteriormente. Consolidada em período pandêmico, no ano de 2020, a rede DO surge da

necessidade de manifestar-se e pelo desejo de lutar contra as inúmeras formas de opressão que coexistem, adotando o design como “ferramenta, espaço ou questão a ser transformada” (Rede Design e Opressão, 2024).

Fortemente embasados nos escritos de Paulo Freire, a Rede Design e Opressão parte da premissa Freiriana de que a libertação não se faz sozinho(a) e também não pode ser conquistada para o outro(a), os seres humanos se libertam juntos, em comunhão, apoiados em princípios dialógicos e solidários (Mazarotto et al, 2023). Sobre a prática da solidariedade no design Serpa e Batista comentam:

A solidariedade faz parte de uma prática dialógica do design porque torna possível uma aliança entre sujeitos no desvelamento da realidade e no enfrentamento às situações de opressão. Nesta perspectiva, a agência é compartilhada entre os sujeitos. A práxis baseada na solidariedade propõe ao designer um processo de transformação de si pelo engajamento real na contradição dialética, colocada pela sua posição tanto no projeto, quanto na ordenação dos sistemas de opressão. Esse processo desmistifica o sujeito designer criador e a solução de problemas e, ao mesmo tempo, enuncia a possibilidade de conscientização crítica sobre questões estruturais que definem a necessidade de gerar um novo produto, serviço ou solução qualquer de design (SERPA e BATISTA, p. 200, 2021).

Isso implica pensar que em atividades com esse viés não há espaço para a hierarquização dos saberes, e que o trabalho de entender o próprio lugar no mundo e a relação com o próximo é constante, compreendendo que a produção de conhecimento acontece a todo momento, na convivência e na divisão de experiências. Como afirmam Silva e Serpa:

Para desdobrar compromissos políticos sérios com grupos oprimidos, defendemos que o campo do Design precisa estar verdadeiramente engajado com projetos de produção de conhecimento que promovam as lutas populares, que valorizem as diferenças enquanto lutam contra as desigualdades, e que possam politizar e transformar sujeitos (SILVA e SERPA, n.p, 2023).

Considerando que a teoria e a prática do design no Brasil ainda são fortemente apoiados em discursos colonizadores estadunidenses e europeus, o resultado e o processo de projetar dos designers frequentemente mantém outras regiões em contexto de dependência, tanto a nível de consumo quanto intelectual, no qual todo raciocínio empregado em um projeto é baseado na realidade de outra cultura. A Escola Popular de Design buscava, portanto, propagar práticas de design pensadas a partir do local, atuando no viés de uma pesquisa militante (SERPA, 2023), embasada no pensamento crítico e na formação política.

3 Pedagogias dos movimentos sociais e possíveis confluências com o design

Como mencionado anteriormente, as pesquisas desenvolvidas sob a identidade de uma Escola Popular de Design buscam construir pontes entre os pensamentos dos movimentos sociais e as práticas de design. Nas pesquisas desenvolvidas a partir da UFPA, em Belém, o foco se deu nos saberes construídos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, especificamente, expressos pelo que se entende como a pedagogia do MST.

No artigo “A pedagogia da luta pela terra”, Roseli Caldart (2000) discute uma série de fatores importantes para refletir sobre o caráter educativo do MST. A autora reforça que o

movimento foi responsável por integrar pessoas desconsideradas pelo sistema capitalista, cuja força de luta carrega grande importância pedagógica. Suas experiências extrapolam o ambiente escolar e estão diretamente associadas à necessidade de sobrevivência. Tais resistências e processos de superação configuram-se como projetos de vida, em oposição aos projetos de morte vinculados às históricas desigualdades sociais de nosso país.

Ainda conforme a autora, os indivíduos que se integram ao movimento deixam de ser apenas pessoas sem terra para tornar-se o nome próprio “Sem Terra”, denominação que carrega identidade, história e uma série de significados. A luta pela terra devolve a dignidade das pessoas, nesse sentido, os integrantes do MST se educam coletivamente pela luta, e nesse caminho formam e são formados sujeitos, humanizando a si e aos outros. Essas experiências de formação constituem o estado de movimento característico dos processos pedagógicos das lutas sociais, como comenta Caldart:

no sentido de que a pedagogia da luta educa para uma determinada postura diante da vida: nada é impossível de mudar, e quanto mais inconformada com o atual estado de coisas mais humana é a pessoa; ou seja, exatamente o contrário da pedagogia da socialização que predomina nos chamados meios educacionais, onde estar em movimento e ter atos de contestação ou rebeldia é sempre visto como ‘má-educação’: é preciso afastar-se daqueles baderneiros do MST! Desde este outro ponto de vista, ao contrário, dizemos que participar do movimento da luta vai educando um jeito específico de ser humano, que potencializa o principal traço da humanidade, que é a possibilidade de fazer-se e refazer-se a si própria, enquanto contesta a ordem estabelecida, problematiza e propõe valores, transforma a realidade e se produz como sujeito da história. As lutas sociais produzem as transformações históricas, e o fazem à medida que conseguem conformar os sujeitos sociais capazes de operá-las e, ainda mais, de consolidar os novos parâmetros de vida em sociedade que vão criando neste movimento (CALDART, p.11, 2000).

A autora mostra um importante ponto de divergência entre a pedagogia dos movimentos sociais e a pedagogia do espaço escolar formal: sentir-se inconformado é qualidade de ser humano, e ao invés de incorporar uma noção opressiva de incapacidade diante desse sentimento o movimento da luta recupera e incentiva a criatividade e a crença na capacidade de mudança, fortalecendo uma utopia coletiva necessária para a sobrevivência em um mundo extremamente desigual e excludente.

Ainda conforme Caldart (2003), a história do MST é intrinsecamente ligada à luta pela educação, entendida como ferramenta fundamental para a emancipação dos trabalhadores rurais e para a construção de um projeto popular para o campo. Essa visão estabelece os princípios que norteiam a prática pedagógica do MST, tais como: a escola deve ser um espaço de formação integral, que valoriza a cultura e a identidade dos povos do campo; a construção do conhecimento deve ser coletiva e dialógica, a partir da realidade e das necessidades dos sujeitos do campo, e a educação deve ser entendida como um instrumento de organização e mobilização social, que contribui para a luta pela Reforma Agrária e por uma sociedade mais justa e igualitária.

Caldart (2001) também destaca que a educação no MST não se limita à sala de aula, mas se manifesta em diversos aspectos da vida cotidiana das comunidades. A luta pela terra, a organização coletiva, o trabalho na produção agrícola, as assembleias e os debates políticos são considerados como momentos de aprendizagem e formação dos sujeitos.

Além da característica de manter-se em movimento e da formação enquanto sujeitos, Caldart apresenta outro conceito que julga essencial para a construção dos que lutam pela terra, o "enraizamento projetivo" (Caldart, 2000). Enraizar-se é uma necessidade humana, definida pela participação coletiva ativa que permite que o passado seja visto e o futuro seja construído, é a criação de laços que dão sentido à existência por meio do sentimento de pertencimento. Somente a partir da fundação das raízes é possível projetar, ou seja, é possível vislumbrar e lutar pela produção de outros futuros possíveis.

A pedagogia do MST, portanto, não é só uma, mas sim várias. Uma série de práticas guiadas pelo constante movimento que gera transformação. Nelas, os sujeitos são situados historicamente e criam um sentimento de enraizamento coletivo que permite projetar futuros. A luta traz dignidade para a pessoa excluída pelo capitalismo, e a compreensão do seu papel na história e no movimento, humaniza. É um processo constante de formação de sujeitos que se baseia na luta diária pela sobrevivência, nesse sentido, é totalizante, produz sentido, diferente do processo alienante e compartimentado vivido nos meios educacionais formais como as escolas e as universidades.

Caldart (2000) considera que as experiências que geram o enraizamento no ambiente escolar estão nos processos que trabalham com a memória coletiva, ensinando com a pedagogia da história. Reforça também a importância da mística, processo essencial de formação no MST que objetiva promover uma conexão entre a memória e a utopia, reforçando a noção de coletividade e promovendo valores verdadeiramente humanos, que serão responsáveis por sustentar o processo de formação. Uma maneira de materializar essas reflexões em propostas para o(a) educador(a) que atua nos meios conhecidos como formais pode ser vista na citação a seguir:

Algumas das questões fundamentais que nós educadores deveríamos nos ocupar, na perspectiva do raciocínio apresentado aqui, são as seguintes: que práticas sociais estão ajudando a formar os sujeitos com quem trabalhamos? Que pedagogia cada uma delas encarna? Como podemos organizá-las, refleti-las, colocá-las em um mesmo movimento pedagógico, de modo que se constituam em um projeto de educação vinculado ao movimento da história? Como construir tempos e espaços educativos que se mantenham em movimento? E o que significa em nossa formação como educadores, educadoras, assumir o movimento (também das pedagogias) como princípio educativo? (CALDART, p. 18 e 19, 2000)

O projeto de pesquisa em prol da ideia de uma escola popular de design tem como princípio o questionamento sobre o espaço do projeto em design, enquanto lugar politizador. Ainda que sem respostas definitivas, a pesquisa sobre a pedagogia do MST já indica alguns caminhos de transformação das práticas no campo do design. Em paralelo, estudos em design que relatam o engajamento de designers para além da denúncia das opressões também apontam para novas formas de projetar, a partir de arranjos dialógicos e coletivos.

Mosquini e Pazimino (2022) relembram que o surgimento do design e sua consolidação enquanto profissão se baseiam em práticas projetuais que resultam na diferenciação de objetos com vistas à ampliação do consumo e, consequentemente, à produção do lucro. Por muitos anos, o impacto gerado por tais projetos não foram considerados, tais como suas exterioridades sociais e ambientais. Mas a crítica à uma suposta neutralidade inerente à atividade não tardou a emergir, consolidando vertentes socialmente engajadas como o chamado design social. Ao questionar os impactos da produção capitalista, tais vertentes questionam como é possível projetar de forma a não reproduzir as opressões sobre as quais o sistema econômico hegemônico se desenvolve?

Ao favorecer apenas o aprimoramento da produção e do consumo em larga escala, a educação formal em design age no sentido de fortalecer as desigualdades e perpetuar processos de desumanização, pois além de desconsiderar as diferenças entre pessoas (no jargão do design, os usuários), territórios, culturas e trajetórias, define aqueles que são habilitados a projetar (MAZZAROTTO et al., 2023).

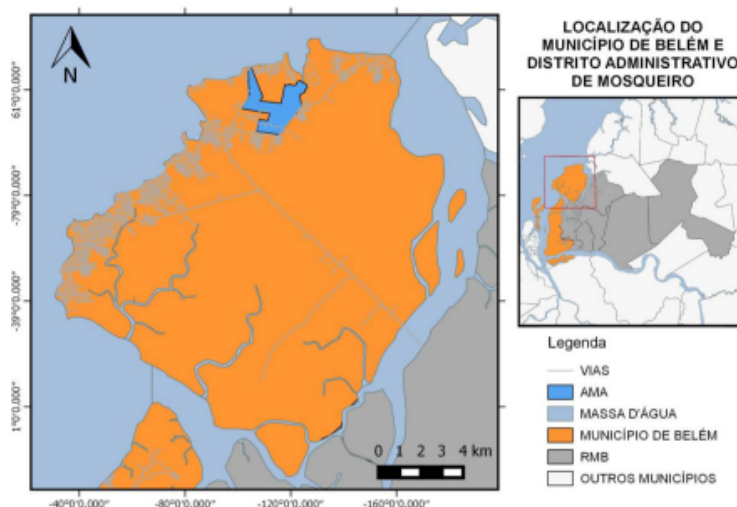
A EPD configura-se então como um espaço para refletir sobre qual tipo de design se pratica e se ensina, focando na necessidade de agir criticamente no sentido da emancipação das pessoas (Mazzarotto, 2020). Isso só será possível por meio de extenso trabalho e estudos coletivos, nesse contexto, há muito a se aprender com os anos de luta e resistência dos movimentos sociais, reforçando a ideia que, assim como dito por Caldart (2000), apenas os sujeitos que compreendem a própria realidade são capazes de transformá-la.

4 O assentamento Mártires de Abril

Empregar atenção ao território de uma comunidade implica considerar os aspectos relacionados à memória, à organização para as lutas e às práticas culturais específicas de um determinado grupo na ocupação de um espaço. Isso permite entender melhor a interação social desses indivíduos, garantindo que as futuras iniciativas propostas no projeto Escola Popular de Design estejam alinhadas com a realidade enfrentada pela comunidade.

O Assentamento Mártires de Abril (AMA) foi estabelecido em 2001 como resultado da busca do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra por áreas próximas a Belém onde a função social da terra não estava sendo cumprida. Com uma extensão de 408,06 ha, o AMA está localizado no Distrito Administrativo de Mosqueiro, Pará, ocupando o espaço onde antes se encontrava a antiga fazenda de Transportes Aéreos da Bacia Amazônica (TABA), entre os bairros de Marahu, Paraíso e Carananduba. Marahu e Paraíso são conhecidos por suas praias homônimas, enquanto Carananduba é uma área central importante para o distrito, abrigando diversos serviços e equipamentos urbanos.

Figura 01 - Localização do AMA no Distrito de Mosqueiro



Fonte - Rebello (2016)

A Ilha do Mosqueiro integra um arquipélago de 33 ilhas que compõem o município de Belém. Situada na porção continental, a ilha está a cerca de 70 km do centro da capital, sendo cercada ao norte pelo Rio Pará e pela Baía do Guajará. Ao sul, encontra-se a Baía do Sol, a oeste a Baía de Santo Antônio e a leste o Furo das Marinhas, que separa o distrito do continente (Figura 01).

É importante mencionar o início do crescimento de Mosqueiro no final do século XIX, quando a ilha se tornou um lugar de interesse para os europeus que moravam e trabalhavam em Belém durante o ciclo da borracha, os quais começaram a construir suas casas de veraneio na ilha devido às belezas naturais, como as praias de água doce (FERREIRA *apud* REBELLO, 2012). A urbanização do distrito se intensifica com a abertura da rodovia Meira Filho em 1965 e se consolida com a construção da Ponte Sebastião de Oliveira, em 1976. Desse modo, o crescimento da ilha se dá com o início da exploração turística e uso sazonal pelas classes abastadas durante o verão. A partir daí, Mosqueiro se torna área suburbana de lazer da Região Metropolitana de Belém (RMB).

Nesse contexto, a ocupação do território amazônico tem como motivação a sua integração ao país a partir da atuação do Estado e do grande capital. Esse espaço reestrutura-se através da infraestrutura, de incentivos fiscais e creditícios com a presença de empreendedores, especuladores e migrantes intermediados pelas ações do Estado, responsáveis, assim, por inserir a região numa nova divisão territorial do trabalho em nível internacional. Tal reordenamento territorial para além dos rios, que difunde o fenômeno urbano sobre outros espaços até então pouco marcados pela instalação da vida urbana moderna, representa o que Trindade Junior (*apud* Rebello, 2015) denominou de urbanização difusa.

Esse processo também envolve a difusão de valores urbanos que fez reconhecer o processo de substituição de “cidades da floresta” para “cidades na floresta”. O autor aponta, todavia, que essas dinâmicas têm como característica serem estranhas à região por não potencializar seus atributos geográficos e socioculturais, e a atenderem interesses distantes das demandas sociais locais, uma vez que inserem a região em modelos econômicos e políticos de ordenamento territorial concebido fora do espaço regional. Ou seja, a complexidade de usos e de formas de apropriação do espaço reflete a materialização do processo de modernização da sociedade e das diferentes estratégias de acumulação do capital.

Em consonância a isso, Cardoso (2012 *apud* Rebello, 2017) elucida que o campo-urbano nasce da implosão-explosão da experiência da cidade, que não mais suportando a alta concentração de população e objetos avança sobre o rural, subordinando o campo à dinâmica da produção/reprodução capitalista. Nesse processo são redefinidas as relações de fronteiras entre cidade-campo e centro-periferia, novas centralidades e segregações são criadas e o espaço passa a ser uma mercadoria que se abstrai, enquanto mundo, traduzindo as diferenças e particularidades contextuais.

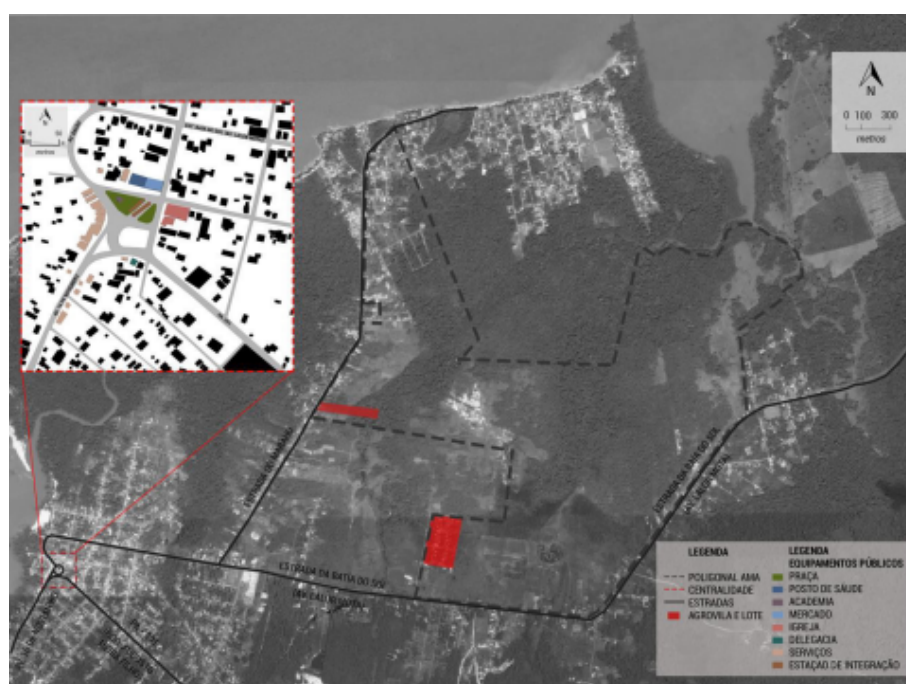
Desde os anos 90, Mosqueiro apresenta uma dinâmica habitacional caracterizada pela conversão das residências sazonais em residências permanentes, tanto pela participação do governo através da aprovação de empreendimentos habitacionais de mercado, quanto pelo significativo crescimento de assentamentos espontâneos (FERREIRA, 2012 *apud* Rebello, 2017). A disputa pela área da fazenda TABA surge como uma disputa por um território dominado pela elite de Belém, cuja maior parte de seu tecido urbano é composto por residências que são

subutilizadas durante a maior parte do ano. Em entrevista a Rebello (2017), um dos moradores do assentamento ressalta que, em razão do lazer e do turismo serem muito presentes no distrito, Mosqueiro não apresenta histórico de lutas de trabalhadores rurais ou urbanos, sendo assim, a intenção do MST é chamar a atenção do Estado para dizer que a ilha tem trabalhadores que precisam ser vistos.

É assim que, em junho de 2001, a Prefeitura Municipal de Belém em parceria com a Secretaria de Economia (SECON), iniciaram a elaboração do projeto do AMA para submetê-lo à modalidade Casulo do INCRA. Em novembro de 2001, foi aprovado o processo de implementação do Projeto Casulo de Assentamento (PCA) Mártires de Abril, o primeiro e o maior projeto dessa modalidade a ser implementado no estado do Pará. O PCA é destinado aos assentamentos periurbanos de reforma agrária de pequeno porte que se localizam próximos aos centros urbanos. O espaço periurbano é essencialmente híbrido, principalmente no que tange às relações sociais: nele o urbano e o rural coexistem.

O Assentamento Mártires de Abril está localizado próximo à Praça do Carananduba, importante centralidade do distrito, onde se concentram diversos serviços e equipamentos urbanos (Figura 02). A praça está situada na confluência da PA-391, que liga Mosqueiro a Belém e à Avenida 16 de novembro, principal via do distrito. Nessa centralidade, se encontram, além da praça, dois templos religiosos, posto de saúde, bares, restaurantes, lanchonetes, mercado do Carananduba, academia popular, quiosques, delegacia, ponto de táxi e mototáxi e um terminal de integração que recebe os passageiros que chegam de Belém e interliga as diferentes regiões do distrito.

Figura 02 - Serviços urbanos da Praça do Carananduba: mapa com distribuição geral dos serviços; abaixo à esquerda, posto de saúde; abaixo à direita, terminal de integração.





Fonte - Rebello (2016)

O Projeto de Desenvolvimento do Assentamento (PDA) realizado pelo INCRA com a participação das 95 famílias contempladas orientou a divisão do assentamento em: a) Agrovila; b) 10 lotes rurais; c) Área patrimonial e área de preservação; d) área de projetos coletivos e; e) Sobras de terra que são doadas às novas famílias que chegam ao AMA. Nota-se simultaneamente no assentamento características urbanas e rurais, sendo o caráter rural o mais evidente (Figura 03).

Figura 03 - Parcelamento AMA



Fonte: Adaptado de Rebello (2016)

À época, o relatório elaborado pelo INCRA apontou o enfraquecimento do solo no local, visto que a fazenda trabalhava apenas com a monocultura do coco, extração de pedra e a sede da fazenda servia como espaço de prostituição. Também foi constatado que a área do projeto possui topografia plana, tipologia vegetal heterogênea formada por capoeira, consequência da ação das serrarias que se localizavam nas imediações, e pastagem juntamente com o plantio de coco (Figura 04).

Figura 04 - Vegetação predominante no AMA



Fonte: Rebello (2016)

Essencialmente, o assentamento é subdividido em 2 setores, moradia e produção agrícola, com o assentado tendo direito a dois lotes, um em cada setor. A agrovila é composta por nove quadras, quatro ruas e quatro travessas; uma rede elétrica implantada em todas as vias; um local marcado para o poço artesiano para abastecimento humano (que nunca foi executado); 95 lotes individuais medindo 20x30m com residência unifamiliar em alvenaria de aproximadamente 42m² edificadas pelo Crédito Aquisição do INCRA (Figura 06); campo de futebol, um centro comunitário (Figura 07), duas piscinas construídas no curso de um igarapé localizadas na sede da antiga fazenda TABA e uma área coberta com churrasqueira.

Figura 05 - Residência unifamiliar Agrovila



Fonte: Rebello (2016)

Figura 06 - Centro Comunitário localizado na Agrovila .



Fonte: Rebello (2016)

A chegada à agrovila é considerada de fácil acesso, sendo feita pela Estrada da Baía do Sol e por uma estreita travessa de terra localizada entre os lotes rurais, contudo a distância de 220 metros em relação à beira da estrada confere às moradias um aspecto isolado (Figura 07). Os lotes rurais destinados à produção agrícola estão dispostos ao longo das vias de acesso ao AMA.

Figura 07 - Travessa de acesso à Agrovila, a partir da Estrada da Baía do Sol



Fonte: Rebello (2016)

Logo após a implantação do Projeto Casulo, em razão dos constantes furtos da produção e da distância entre os lotes e a agrovila, iniciou-se a primeira reconfiguração espacial do assentamento com a migração das famílias da agrovila para o lote de produção agrícola. Além disso, a ausência de infraestrutura na agrovila se comparada aos lotes de produção localizados na beira de importantes estradas do distrito intensificou o movimento de migração. Junto com o movimento de migração se inicia na agrovila a prática velada de comercialização das casas de alvenaria construídas com o Crédito Aquisição do INCRA, já que muitos assentados passaram a trocar a moradia por material de construção para edificar a segunda residência nos lotes rurais. Essa movimentação de saída confirma que o parcelamento do tipo agrovila para este assentamento periurbano não foi o mais adequado.

Por fim, Rebello (2017) elucida que a modalidade casulo limita o Projeto de Desenvolvimento do Assentamento apenas a aspectos internos, como a configuração espacial e organização social e produtiva. Ou seja, limita-se o caráter periurbano apenas à proximidade física do núcleo urbano, desconsiderando sua influência sobre a dinâmica do assentamento, percebida pela relação do assentamento com as vicinais de acesso e pela relação direta com a Praça do Carananduba. Inicialmente pensado para separar as funções de habitar e trabalhar, é possível verificar que a complexidade do assentamento está na sua constante capacidade de se reinventar, evidenciando sua vocação rural ao reproduzir trabalho e moradia no mesmo espaço, sem deixar de manifestar expressões de urbanidade inerentes à sua localidade.

5 Atividades realizadas

No primeiro semestre do projeto de pesquisa "Escola Popular de Design: confluências pedagógicas entre o design e os movimentos sociais" foi executada parte da revisão bibliográfica sobre a pedagogia dos movimentos sociais por meio de rodas de conversa semanais, que favoreceram o diálogo sobre o referencial estudado. A revisão bibliográfica versou principalmente sobre os textos de Roseli Caldart e Luiz Bezerra Neto. Importante citar que os encontros buscaram inspiração em algumas dinâmicas do Movimento Sem Terra, inserindo a chamada "mística" na abertura dos encontros, com declamação de poesias, análise de ilustrações e fotografias e inserções poéticas vinculadas aos princípios difundidos pelo movimento, como a solidariedade e a disciplina como fator fundamental para o trabalho coletivo.

Figura 08 – Parte dos integrantes do projeto de pesquisa reunidos na Incubadora de Linguagens Digitais da Faculdade de Artes Visuais da UFPA.



Fonte: Acervo do projeto (2023)

Além das leituras, realizamos trocas com projetos de pesquisa e extensão da mesma faculdade, como o projeto "Literatura em Mural", que recebeu o artista Eder Oliveira para uma roda de conversa em outubro de 2023. Sua última obra, intitulada "Buscando um Desvio" (óleo sobre tela, 150x195cm, 2023), faz referência à obra "Desvio para o vermelho", de Cildo Meireles (1984), e retrata elementos associados aos movimentos sociais latino-americanos.

Figura 09 – Pintura de Eder Oliveira.



Fonte: Acervo do projeto (2023)

Em novembro de 2023, a coordenadora do projeto participou da mesa de debate “Ativismos disruptivos e tecnologias emergentes”, junto com a designer e professora Maria Cristina Ibarra (UFPE) e Aline Oliveira (MST). A mesa fez parte do IV Colóquio de Pesquisa em Arte e Design, realizado pelo grupo de pesquisa PADÊ na UFC e no Centro de Design do Ceará - KUYA. Na ocasião, a autora apresentou uma palestra sobre o conceito de Enraizamento Projetivo, proposto por Roseli Salete Caldart, como inspiração para o engajamento de designers em suas práticas projetuais.

Figura 10 – Palestra sobre o conceito de Enraizamento Projetivo como inspiração para as práticas em design.



Fonte: Acervo do projeto (2023)

A última atividade de 2023 foi a exibição do documentário CHÃO (112'), na Faculdade de Artes Visuais da UFPA. Dirigido por Camila Freitas e lançado pela Vitrine Filmes em 2021, o filme apresenta o processo de ocupação de terras de uma usina de cana-de-açúcar no estado de Goiás, bem como a estruturação do acampamento permeada pelos sonhos de 600 trabalhadores rurais do Movimento Sem Terra.

Figura 11 – Convite para a exibição do documentário “Chão”.



Fonte: Acervo do projeto (2023)

Além das atividades realizadas na Faculdade de Artes Visuais da UFPA - direcionadas em especial à mobilização do corpo discente para pautas sociais -, também foi possível criar laços com alguns representantes do MST-PA e de movimentos aliados, como o integrante Carlinhos Luz, que representa a editora Expressão Popular no Pará, com Charles Trocate, poeta e coordenador do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB-PA) e com Antônio Agnor, liderança do Assentamento Mártires de Abril. Também realizamos visitas ao recém inaugurado Armazém do Campo em Belém, onde são comercializados os produtos do MST-PA.

O primeiro contato presencial com o líder Antônio Agnor (conhecido como Agno) foi em um dos encontros do grupo de pesquisa, na Faculdade de Artes Visuais, em 07 de dezembro de 2023. A roda de conversa com a principal liderança do Assentamento Mártires de Abril foi fundamental para entender não apenas o processo de conquista da terra pelas 95 famílias posteriormente assentadas, como também sobre os aprendizados na formação do assentamento, incluindo as práticas pedagógicas.

Figura 12 – Visita do líder Antônio Agnor, do Assentamento Mártires de Abril, à Faculdade de Artes Visuais.



Fonte: Acervo do projeto (2023)

Apenas 2 dias após a rica entrevista com Agno, uma tragédia atingiu o Movimento Sem Terra, mais especificamente o MST do Pará. Um incêndio no acampamento Terra e Liberdade, em Parauapebas, sudeste do estado, vitimou 9 acampados. O acidente foi provocado por questões técnicas na instalação de uma fiação de internet pela empresa G5 Telecom, quando uma antena de internet atingiu acidentalmente um fio de alta tensão, provocando um grave incêndio¹. Tal episódio postergou a pesquisa exploratória no assentamento, em função da mobilização dos assentados de outras sub-regiões do Pará que se deslocaram até Parauapebas em solidariedade às famílias das vítimas. Agno foi um deles.

Somente em 10 de fevereiro de 2024 foi possível visitar o Assentamento Mártires de Abril, conhecer sua história, compreender a relação da comunidade com as universidades locais, bem como as dinâmicas e processos de resistência desenvolvidos desde a fundação do AMA naquele território.

A entrevista realizada foi semi-estruturada, e versou essencialmente sobre os processos pedagógicos, a formação política e as estratégias de luta dos assentados. Antes, porém, ouvimos as memórias de Antônio Agnor e Dona Maria sobre suas vidas antes da ocupação da Fazenda TABA na década de 90, sobre os desafios que enfrentavam e ainda enfrentam. Posteriormente, nos dedicamos a compreender as relações de aprendizagem na lida com a terra, e como o reconhecimento da importância do território é desenvolvido entre as crianças e os jovens. De forma complementar, interessava compreender a natureza do sistema educacional oferecido aos assentados, se eram atendidos por escolas formais e como seria a participação das crianças e dos adultos nos processos decisórios coletivos. Também buscamos compreender quais conhecimentos e habilidades eram valorizados e transmitidos dentro da comunidade, e como esses conhecimentos são compartilhados entre os membros.

Outro aspecto fundamental era compreender como são conduzidas as atividades de formação política dentro do assentamento, quais os temas abordados e quem são os responsáveis

¹ Extraído da nota oficial do MST sobre o acidente ocorrido em 09 de dezembro de 2023:
<https://mst.org.br/2023/12/11/nota-oficial-do-mst-sobre-a-tragedia-no-acampamento-terra-e-liberdade-no-para/>

por conduzir tais atividades. Como os trabalhadores se organizam para a luta por seus direitos e interesses? Existem líderes ou grupos específicos responsáveis por coordenar essas atividades? Como são tomadas as decisões dentro do assentamento? Existe um sistema de democracia direta ou representativa?

Por fim, buscamos entender quais são as principais estratégias utilizadas pela comunidade diante dos desafios e ameaças externas, como a pressão de proprietários de terras ou a falta de apoio governamental. Quais as principais demandas e reivindicações da comunidade em relação à garantia de seus direitos como trabalhadores rurais? Como é a relação da comunidade do assentamento com outras organizações locais, regionais ou nacionais que lutam por causas semelhantes? Quais são as perspectivas e aspirações futuras dos moradores do assentamento em relação à melhoria de suas condições de vida e ao avanço de suas lutas?

As respostas foram contadas por meio de histórias, respondendo parcialmente as perguntas colocadas. Percebemos, assim, que fazia mais sentido ficarmos atentos às narrativas do que preencher formulários pré-concebidos. Ao mesmo tempo, ficou evidente que, do mesmo modo que nós, enquanto pesquisadores, tínhamos expectativas em relação aos laços que poderiam ser criados naquela visita, também havia o desejo da Dona Maria e do Agno em colaborarmos com algumas demandas do assentamento.

Figura 13 – Integrantes do projeto de pesquisa com as lideranças Agno e Dona Maria, na primeira visita ao Assentamento Mártires de Abril, em Mosqueiro.



Fonte: Acervo do projeto (2024)

Após a primeira visita, o grupo passou a refletir sobre as possibilidades de colaboração com base no que poderíamos oferecer a partir de nossos saberes. Um desejo imediato foi de disseminar a importância de Dona Maria nas dinâmicas do cuidado dentro do Assentamento. Além de parteira e benzedeira, a mãe de Agno é uma importante guardiã dos saberes sobre as ervas medicinais e liderança de um grupo de mulheres interreligioso que se ocupa com atividades solidárias, como a coleta e distribuição de roupas e alimentos para moradores mais necessitados.

Outra demanda evidenciada seria a oferta de oficinas de design aos jovens do assentamento, a fim de apoiar as iniciativas da comunidade. Essa solicitação despertou o interesse dos estudantes vinculados ao projeto, pois, ao mesmo tempo que assim poderiam contribuir com o AMA, seria possível comprovar a realização de atividades complementares aos seus cursos de graduação.

Um mês após a pesquisa exploratória e após as férias docentes (março de 2024), as atividades presenciais foram retomadas na UFPA. Com isso, foi aberta uma chamada para novos integrantes por meio de compartilhamento de postagem nas redes sociais. O número de interessados foi alto, estendendo-se a nível nacional, o que demonstra que a vontade de refletir sobre a prática do design em contextos que ultrapassam o mercadológico é uma realidade para várias pessoas. No entanto, uma característica importante do grupo é a demanda por reuniões presenciais, o contato físico, a mística e os momentos de convivência, que são de suma importância para a construção de laços e do sentimento de pertencimento necessários para a luta. Por esse motivo, o projeto de pesquisa não foi ampliado para participantes de outros estados. Outro fato agravante foi a instabilidade de acesso à internet na UFPA, impedindo a condução de reuniões virtuais.

Figura 14 – Post de chamada de novos participantes



Fonte: Acervo do projeto (2024)

A proposta de construção bibliográfica para a segunda metade do projeto focou em textos sobre reflexões desenvolvidas por autores interessados em questionar as práticas hegemônicas do campo do design. Passando pelas pedagogias das escolas alemã Bauhaus (Ribeiro e Lourenço, 2012) e soviética Vkhutemas como referência para o chamado design social (Mosquini e Pazimino, 2022), dialogamos também sobre a influência de Paulo Freire nas pesquisas de educadores em design no Brasil (Mazzarotto et al, 2023; Serpa e Batista, 2021; Mazzarotto, 2020), e como o

pensamento crítico vem definindo novos direcionamentos sobre a percepção da prática projetual (Mazzarotto et al., 2023; Silva e Serpa, 2023 e Serpa, 2023).

Figura 15 – Parte dos integrantes e novos integrantes da Escola Popular de Design.



Fonte: Acervo do projeto (2024)

Parte da revisão bibliográfica foi desenvolvida presencialmente e parte remotamente, uma vez que, ainda em março de 2024, foi deflagrada a greve dos técnicos das universidades federais. Em abril, os professores universitários também aderiram à greve, e em maio os portões das unidades foram fechados. Desse modo, a quebra no calendário acadêmico e a impossibilidade de usar o espaço da universidade foram dificuldades que geraram certa dispersão nas atividades. Porém, com a compreensão de que era um momento de importante reflexão, houve um esforço coletivo para que os encontros continuassem em outros espaços ou de maneira remota. As discussões foram então voltadas para os significados de um período de greve e como este também pode se configurar como um espaço de aprendizagem e de exercício da resistência pelos docentes e discentes. As reflexões do grupo no contexto da greve foram inspiradas pelo texto “Uma outra aparência para a greve estudantil: oficinas autônomas para desenvolver a consciência crítica”, de Souza e Cunha (2022).

Em maio tivemos um importante encontro virtual com a professora Claudia Marinho, da Universidade Federal do Ceará (UFC) e o professor Bruno Nascimento, da Universidade de Fortaleza (Unifor), ambos integrantes do grupo de Pesquisa em Arte e Design (PADÊ), que realiza o Colóquio de Pesquisa em Design e Arte, que já conta com 4 edições bem sucedidas. O PADÊ realiza atividades que refletem sobre a formação de design voltada para as questões do campo², e nessa reunião pudemos ver a materialização de projetos de design realizados juntos ao MST, nesse caso em colaboração com o Assentamento Antônio Conselheiro, em Ocara, no Ceará. No encontro também dialogamos sobre o artigo “Design da Terra: Reflexões sobre a prática projetual no

² Para mais informações ver: MARINHO, Claudia Teixeira; BARROS, Camila Bezerra Furtado; NASCIMENTO, Bruno Ribeiro do. Design da terra: Reflexões sobre a prática projetual no contexto do MST. In: Colóquio de pesquisa em design e arte: arte, design, (re)invenção política e transformação social. Anais.Fortaleza(CE) UFC, 2023.

contexto do MST" (Marinho, Barros e Nascimento, 2023). Por fim, finalizamos a revisão bibliográfica com a leitura de Hack, Leal e Martins (2021) sobre os enfoques pedagógicos que determinam o ensino do design no Brasil.

Figura 16 – Conversa com os professores Claudia Marinho e Bruno Nascimento (UFC)



Fonte: Acervo do projeto (2024)

Após diversas tentativas de agendamento de uma nova visita ao assentamento com o Agno, finalmente foi possível realizá-la no dia 15 de junho de 2024. Antes, porém, o líder do Mártires de Abril nos comunicou a necessidade de colaborarmos com a comunidade realizando uma campanha de arrecadação de recursos para financiar a construção do novo barracão multiuso, cuja planta já estaria pronta. Infelizmente, o responsável pelo projeto havia falecido e não foi possível efetuar o cálculo da quantidade de materiais para a obra, o que nos impediu de realizar o levantamento de custos e o início da campanha de arrecadação. No momento, o grupo de pesquisa vem buscando parcerias de arquitetos e engenheiros para assessorar a realização da iniciativa.

Então, na segunda visita ao Assentamento Mártires de Abril foi possível conhecer mais sobre as atividades de subsistência e comercialização do território, como a torra da farinha, a produção de licores artesanais, os viveiros de mudas e extenso terreno de plantio e trabalho apresentado pelo assentado Eddy Murphy. Após o almoço nos reunimos em roda para discutir as possibilidades de parceria entre a Escola Popular de Design e o assentamento, além da necessidade de gerar renda para a retomada do projeto de construção do barracão, que será um local importante para centralizar as atividades que acontecem no território.

Figura 17 – Segunda visita do grupo de pesquisa ao Assentamento Mártires de Abril, em Mosqueiro.



Fonte: Acervo do projeto (2024)

Figura 18 – Segunda visita do grupo de pesquisa ao Assentamento Mártires de Abril, em Mosqueiro.



Fonte: Acervo do projeto (2024)

Após a visita, realizamos um encontro com os integrantes da EPD para discutir sobre a experiência, encaminhamento e possibilidades. Nesta conversa surgiu a demanda para o que possivelmente será o próximo passo do projeto, a construção de um projeto de extensão que

permita o intercâmbio de saberes entre alunos e assentados, materializado na construção de um laboratório de design popular no assentamento. Os diálogos entre os participantes levaram à decisão de que, no lugar de projetarmos supostas soluções para o grupo - tais como a criação de uma revista em quadrinhos sobre a questão do cuidado no AMA conduzida pela Dona Maria; a campanha de arrecadação para o barracão, definição de modelo de negócios para os licores e outros produtos do assentamento e a capacitação dos jovens para o manejo das mídias sociais da comunidade -, os integrantes do projeto deverão conduzir alianças para a capacitação dos jovens da comunidade, para que os mesmos sejam capazes de gerar suas próprias soluções.

6 Considerações finais

Após praticamente um ano de projeto de pesquisa, compreendemos que suas contribuições vão além de inserir a temática das lutas dos movimentos populares – especificamente da luta pela Reforma Agrária – na Faculdade de Artes Visuais da UFPa. Ao realizar as rodas de conversa na subunidade, foi possível perceber o desejo de discentes e servidores em refletirem sobre as lutas sociais em suas pesquisas, incluindo trabalhos de conclusão de curso e pós-graduação. Ao mesmo tempo, o projeto permitiu a criação de laços com outros grupos de pesquisa e universidades, ampliando as redes de relações dos participantes. Nesse sentido, no âmbito acadêmico, o projeto vem conseguindo gerar espaços de trocas, favorecendo o contato de discentes, docentes, técnicos e profissionais nas realidades das lutas populares.

A criação de alianças com movimentos sociais locais foi o ponto forte do projeto, cuja continuidade deve se dar na modalidade de extensão a partir do segundo semestre de 2024. Há ainda o desejo de aprofundar os intercâmbios com universidades locais e externas (além da Universidade Federal do Ceará, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro). Do mesmo modo, tem crescido o interesse de discentes em realizarem suas pesquisas de conclusão de curso junto a movimentos sociais locais, abrindo um leque de possibilidades de parcerias e promovendo o cumprimento da missão pedagógica da Universidade Federal do Pará.

A conclusão do projeto de pesquisa deverá apresentar algumas diretrizes pedagógicas inspiradas nas pedagogias dos movimentos sociais, que possam orientar transformações possíveis nas pedagogias de design, visando construir uma abertura para a humanização de nossas práticas, em prol do desenvolvimento de projetos mais enraizados nas realidades de nossos territórios.

7 Referências

BEZERRA NETO, Luiz. **Sem-terra Aprende e Ensina: Estudo Sobre as Práticas Educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

CALDART, Roseli Salete. **A pedagogia da luta pela terra: o movimento social como princípio educativo**. 23 reunião anual ANPED. Minas Gerais. 2000. <http://23reuniao.anped.org.br/outertext.htm>. Acesso em: 13 jul. 2024.

_____. **O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como princípio educativo.** Estudos Avançados, v. 15, n. 43, p. 189-212, 2001. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9832>

_____. **Movimento Sem Terra: lições de Pedagogia.** Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 50-59, Jan/Jun 2003. Acesso em: 21 mai. 2024.

_____. **A escola do campo em movimento.** In: Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp.60-81, Jan/Jun 2003. Acesso em: 15 jun. 2024.

CARDOSO, Isabel Cristina da Costa. **Cidade Capitalista e Política Urbana no Brasil do século XXI: como pensar a realidade periurbana?** In: SANTANA, Joana Valente; HOLANDA, Anna Carolina Gomes; MOURA, Aldebaran do Socorro Farias de (Org.). A Questão da Habitação em Municípios Periurbanos na Amazônia. Cap. 1. p. 29-52. Belém: Ed.ufpa, 2012.

EMANUEL, Barbara; MARTINS, Bianca (Orgs.). **Design & escola [livro eletrônico]: projetando práticas de ensino-aprendizagem.** 1. ed. Rio de Janeiro : Ed. dos Autores, 2022. Acesso: 12 mai. 2024

FERREIRA, Sandro Brito. **A Expansão dos Assentamentos Residenciais na Ilha de Mosqueiro: uma oportunidade de dispersão urbana no espaço metropolitano de Belém (PA).** 2012a. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

HACK; Justine; LEAL, Raquel; MARTINS, Bianca. **Enfoques pedagógicos para ensino-aprendizagem do design.** Anais do 7o Simpósio de Pós-Graduação em Design da ESDI – SPGD 2021 ISSN: 2447-3499 ISSN ONLINE: 2526-9933

MARINHO, Claudia Teixeira; BARROS, Camila Bezerra Furtado; NASCIMENTO, Bruno Ribeiro do. **Design da terra: Reflexões sobre a prática projetual no contexto do MST.** In: Colóquio de pesquisa em design e arte: arte, design, (re)invenção política e transformação social. Anais.Fortaleza(CE) UFC, 2023.

MAZZAROTTO, Marco. **As contribuições de Paulo Freire para um Design Emancipatório.** In: Abreu, Janaina M. and Padilha, Paulo Roberto (editors). Paulo Freire em Tempos de Fake News. São Paulo: Instituto Paulo Freire, p. 171-179, 2020.

MAZZAROTTO, Marco André; AMSTEL, Frederick Marinus Constant Van; SERPA, Bibiana Oliveira; SILVA, Sâmia Batista. **PROSPECTANDO QUALIDADES RELACIONAIS ANTICOLONIAIS NA EDUCAÇÃO EM DESIGN.** v. 1 n. 26 (2023): VI26 O debate decolonial: Territórios. <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/833>. Acesso em: 13 jul. 2024.

MAZZAROTTO, Marco; SERPA, Bibiana Oliveira. **Cartas (anti)dialógicas: politizando a práxis do Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire.** Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Março 2022, pp. 171-194.

MOSQUINI, Isabela Oliveira; PAZIMINO, Ana Verônica. **Design Social e Político: a Vkhutemas.** Projetica, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 57–68, 2022. DOI: 10.5433/2236-2207.2022v13n3p57. Disponível

em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/46912>. Acesso em: 13 jul. 2024.

REBELLO, Yuri de Alcântara Pinto. **A Implantação de políticas públicas “espaciais” em assentamentos periurbanos: uma análise do processo de constituição do Assentamento Mártires de Abril, Mosqueiro-PA**. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

REDE DESIGN E OPRESSÃO. **Sobre**. 2024. Disponível em: <https://www.designeopressao.org/home/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

RIBEIRO, Sônia Marques Antunes. LOURENÇO, Carolina Amorim. **Bauhaus: uma pedagogia para o design**. Revista Estudos em Design, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: v. 20.

SERPA, Bibiana Oliveira; Batista, Sâmia. **Empatia x Solidariedade: proposta para a construção de práticas anticoloniais em design**. In Pesquisa e design [livro eletrônico]: descolonizando o design: resumos expandidos. Fortaleza, Latifúndio, 2021. <https://design.ufc.br/pt/anais-ii-coloquio-pesquisa-e-design/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

SERPA, B. O. (2023). **Militant Design Research: A Proposal to Politicize Design Knowledge-making**. Diseña, (22), Article.4. <https://doi.org/10.7764/disena.22.Article.4>

SILVA, Samia Batista e; SERPA, Bibiana Oliveira. **Escola Popular de design: Experimento e diálogo entre o design e os movimentos sociais populares**. In: Colóquio de pesquisa em design e arte: arte, design, (re)invenção política e transformação social. Anais.Fortaleza(CE) UFC, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iv-coloquio-de-pesquisa-em-design-e-arte/706859-ESCOLA-POPULAR-DE-DESIGN--EXPERIMENTO-E-DIALOGO-ENTRE-O-DESIGN-E-OS-MOVIMENTOS-SOCIAIS-POPULARES>. Acesso em: 13/07/2024

SOUZA, Eduardo; CUNHA, Paulo. **Student Strike as a Critical Pedagogy Practice in Graphic Design Education**. Diseña, [S. l.], n. 21, p. Article.5, 2022. DOI: 10.7764/disena.21.Article.5. Disponível em: <https://revistadisena.uc.cl/index.php/Disena/article/view/49407>. Acesso em: 13 jul. 2024.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Pensando a Modernização do Território e a Urbanização Difusa na Amazônia**. Mercator, [s.l.], v. 14, n. 4, p.93-106, 23 dez. 2015b. Mercator - Revista de Geografia da UFC. Disponível em : <<http://dx.doi.org/10.4215/rm2015.1404.0007>>. Acesso em: 8 jul. 2024